



Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História

ISSN: 0104-236X

anos90@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Marques Harres, Marluza
História oral: algumas questões básicas
Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 15, núm. 28,
diciembre, 2008, pp. 99-112
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=574069166006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

História oral: algumas questões básicas¹

Marluza Marques Harres*

Resumo: O artigo apresenta uma reflexão sobre as possibilidades e dificuldades implicadas no trabalho com as fontes orais e enfatiza os procedimentos básicos na construção da pesquisa.

Palavras-chave: História oral. Método de pesquisa. Pesquisa histórica

O ponto de partida desta reflexão é a idéia de que a pesquisa com fontes orais já está consolidada no meio acadêmico. No Brasil, a partir de algumas iniciativas pioneiras na década de 1970, a história oral, como campo de pesquisa, percorreu um longo caminho, ganhando amplitude e reconhecimento a partir da década de 1990. As conquistas ao longo desses anos foram significativas, culminando com a organização de uma associação em 1994 – Associação Brasileira de História Oral – reunindo pesquisadores de diversas áreas, que utilizam essa metodologia e buscam o seu aperfeiçoamento. Também no âmbito internacional, o crescente espaço ocupado pela pesquisa com fontes orais resultou no movimento de organização da comunidade de pesquisadores em uma associação internacional – International

* Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em História da UNISINOS. E-mail: marluza@unisinos.br

Oral History Association – criada em 1996. Papéis destacados tiveram essas associações, em especial as de caráter nacional, na expansão e consolidação da história oral, contudo, uma situação institucional relativamente estável não significou a superação das questões e problemas que marcam esse campo de pesquisa, mas ofereceu o espaço adequado para discussões, debates e experimentos.

Nesse sentido, deve-se ter presente que a história oral acompanha a renovação da pesquisa histórica que vem ocorrendo nas últimas décadas, tornando-se dentro desse contexto um método novo para a investigação de temas contemporâneos. Sua difusão e institucionalização foram tão significativas que Michel Trebitsch (1994, p. 39) perguntava, já no início dos anos 90, se não teria ocorrido uma espécie de domesticação deste tipo de pesquisa. Esse autor questiona se a história oral não estaria perdendo seu ímpeto renovador e contestatório, nesse processo de afirmação e, especialmente, inserção no meio acadêmico. Pode-se dizer que os desdobramentos dessa questão fundamentam uma resposta negativa a ela e a polêmica em torno do “dever de memória” é apenas um indicativo da complexidade que vem se impondo a esse campo de pesquisa.²

Sem dúvida, o potencial em termos de pesquisa e de formulações de novas perguntas que esse tipo de fonte possibilita, ainda não foi plenamente explorado. Penso, nesse sentido, que o trabalho com fontes orais permite uma nova ênfase na experiência individual, possibilitando atentarmos para a forma como vem sendo realizado o ideal de autonomia, tão caro à civilização moderna, mas, ao mesmo tempo, tão difícil de vivenciar, já que estamos marcados por dependências e múltiplos constrangimentos, que muitas vezes são reconhecidos e explicitados no exercício da rememoração, quando são repensadas e revistas decisões e ações. Outro aspecto que a fonte oral documenta com muita propriedade, refere-se às emoções. Se o cálculo e a racionalização face aos interesses, tanto econômicos, como de prestígio, podem ser inferidos, a carga emocional que cerca muitas decisões do cotidiano é muito mais difícil de ser percebida e apreendida. Sempre estamos preocupados com razões de

ordem prática, sem dúvida, uma linguagem mais fácil de entender, muito diferente do universo emocional que normalmente acompanha as recordações.

Outras potencialidades dessa metodologia são mais frequentemente destacadas. Ela permite que a história dos grupos oprimidos e marginalizados seja construída e torne-se conhecida. Esse foi o compromisso inicial que deu impulso à história oral e pode ser traduzido, segundo Philippe Joutard (2000, p.33) por três atitudes: 1) ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos; 2) dar visibilidade para as realidades “indescritíveis” e 3) testemunhar as situações de extremo abandono.

Diria que estes são aspectos aos quais a história oral brasileira é muito sensível: denunciar, dar visibilidade ou, ainda, oferecer subsídios para o encaminhamento de soluções para os inúmeros problemas sociais presentes em nossa sociedade. Tudo isso, muitas vezes, acompanha o processo da pesquisa com as fontes orais. A metodologia da história oral tem sido utilizada para investigar nossos problemas mais profundos: como a questão agrária e a luta pela terra, cujas marcas são seculares; a desorganização do espaço urbano e a luta pela moradia, pela saúde e pela educação; o abandono e a dificuldade dos meninos de rua; a precarização e desestruturação do mundo do trabalho; enfim a história oral tem conseguido renovar o estudo desses temas, enriquecendo sobremaneira a compreensão de nossa realidade social.

De alguma forma, penso que os princípios e procedimentos que orientam o uso das fontes orais tiveram uma recepção positiva. Não devemos esquecer o contexto de crise profunda enfrentada pelo pensamento político de esquerda no mundo todo, crise essa propagada, entre outros fatores, pela crítica ao socialismo real e pela crítica teórica empreendida pelo próprio marxismo aos limites da ação revolucionária, antes mesmo que este fosse questionado como referencial explicativo. Fato esse que aprofundou ainda mais os dilemas da esquerda. Esse contexto particular de questionamento do marxismo foi ainda agravado pela chamada crise dos paradigmas,

que afetou profundamente a produção acadêmica e foi objeto de uma discussão mais intensa entre os historiadores em meados da década de 1990. Abalados os modelos analíticos usados tradicionalmente pelas ciências humanas, uma mescla de desilusão e inconformismo levou muitos pesquisadores a explorar novos caminhos em seus estudos e orientações. Assim, uma atitude de interesse e saudável abertura em relação ao uso das fontes orais e igualmente em relação aos problemas colocados pelo trabalho com a memória puderam ser atestadas. As transformações por que passou a produção dos historiadores e os debates em torno do estatuto do conhecimento histórico ofereceram um novo contexto intelectual para o desenvolvimento da história oral.

Em algumas pesquisas, em especial na abordagem dos temas anteriormente indicados, a dificuldade maior diz respeito ao trabalho propriamente analítico. A simpatia pela causa em estudo e por seus participantes, “fontes vivas” com as quais os pesquisadores interagem, pode colocar dificuldades em relação ao trabalho de análise e interpretação. Dar voz aos excluídos pode ainda aparecer como algo sedutor. Por isso, permanecer historiador é o desafio. Cabe lembrar aqui as palavras de Philippe Joutard:

(...) a história oral tem, mais do que nunca, o imperativo de testemunhar, tendo a coragem de permanecer história, diante da memória de testemunhos fragmentados que têm o sentimento de uma experiência única e intransmissível: é preciso combinar respeito e escuta atenta, de um lado, com procedimentos históricos, não importa quanto isto nos seja penoso. (JOUTARD, 2000, p.35)

Apesar dos alertas e das preocupações manifestadas pelos pesquisadores, o risco de cair no puro memorialismo sempre ronda a pesquisa com fontes orais. Deve-se ter presente que a expansão do método não ficou restrita ao universo acadêmico, visto que existe uma diversidade de projetos, fora das universidades, que

reivindicam o título ou o rótulo de história oral. Essa multiplicidade de empreendimentos e sua diversidade representam um risco de fragmentação e um desafio ao diálogo.

Quando falamos em história oral, estamos falando de pesquisa histórica que utiliza uma fonte de caráter memorial, produzida, normalmente, pelo pesquisador em diálogo e interação com os entrevistados; uma fonte que, como outras selecionadas na pesquisa, deve ser submetida a um tratamento analítico. No desenvolvimento da história oral brasileira, as iniciativas vinculadas à pesquisa nas universidades predominaram, surgindo desde o início com forte preocupação metodológica. Aos poucos, os núcleos de pesquisas com fontes orais foram ganhando novos espaços, alguns como um setor associado a núcleos já instituídos, outros se constituindo de forma autônoma. Além de projetos próprios, esses núcleos oferecem orientações e suporte técnico, indispensáveis para o fomento da pesquisa acadêmica.

O princípio da convivência entre as diferentes áreas do conhecimento que utilizam entrevistas em suas pesquisas, apesar de desejado e recomendado, nem sempre é tarefa fácil. Esse diálogo sempre foi perseguido. Tendo cada área a sua maneira de trabalhar, necessário se fazia algum entendimento para que realmente uma comunidade de pesquisadores fosse constituída. A definição presente no estatuto da Associação Brasileira de História Oral responde, de certa forma, aos questionamentos e ressalvas levantados por ocasião dos debates para criação da associação. Nesse estatuto, encontramos: “Por história oral; se entende o trabalho de pesquisa que utiliza fontes orais em diferentes modalidades, independentemente da área de conhecimento na qual essa metodologia é utilizada.” (Estatuto da ABHO, art. 1).

A abrangência dessa definição preserva a possibilidade de integração das diversas áreas, como sociologia, antropologia, educação e outras, sendo respeitadas as diferenças e as modalidades de pesquisa utilizadas por cada uma na produção do conhecimento.

Indicativo da força desse processo de afirmação no meio acadêmico é o fato de outras áreas, como ciências da saúde e da comunicação, estarem se valendo dessa metodologia em suas pesquisas, com significativa produção de dissertações e teses.

Aos poucos, a metodologia foi sendo apropriada por arquivos, museus e memoriais. Projetos, principalmente de constituição de acervos orais, têm dinamizado esses espaços e oferecido farto material para exposições e para pesquisas, muitas das quais desenvolvidas pelas próprias instituições, que assim passam a assumir um novo papel, relacionado não apenas à preservação dos documentos históricos, mas a sua produção e uso. Essa é uma questão que merece atenção, já que os projetos com vistas à criação e organização de conjuntos de entrevistas para posterior utilização pelos pesquisadores precisam ser rigorosamente elaborados e conduzidos, sendo indispensável esclarecer sempre as condições em que foram produzidas as entrevistas e seus objetivos. Apropriadamente constituídos, esses acervos poderão representar um estímulo para a pesquisa. Na opinião de Philippe Joutard:

A partir do momento em que cada um explicita claramente seus pressupostos, seus objetivos e seus métodos, sem que ninguém esteja convencido de que o seu é o único método que chega à verdade, será possível um diálogo e poder-se-ão utilizar os documentos recolhidos por outrem. (JOUTARD, 2000, p. 38)

Certos órgãos públicos também têm investido significativamente na construção de projetos orais de memória, inclusive com publicações e ampla divulgação do acervo.³

As prefeituras, por meio das secretarias de cultura e educação, também aparecem subsidiando projetos de memória envolvendo, entre outros temas, a formação dos bairros da cidade, ou ainda, a trajetória de certas instituições escolares. Ainda está por ser avaliado o impacto desses projetos na formação de uma cultura de valorização da história e do patrimônio em âmbito local.

Iniciativas privadas devem igualmente ser lembradas, pois existe hoje um investimento na constituição de acervos orais para a história de empresas, ou em relação à preocupação com a trajetória de certas associações profissionais, sindicatos, e até mesmo partidos políticos estão procurando constituir suas memórias.

Essa multiplicação de iniciativas, se por um lado é louvável, reforçando o caráter democrático e plural, que desde o início tem sido uma marca da história oral; por outro, exige um maior empenho na formação profissional das pessoas envolvidas com essa prática e maior socialização e discussão sobre os modelos arquivísticos.

Também precisamos ter clareza sobre alguns pontos: uma coisa é um projeto de história que utiliza fontes orais e cria no processo da pesquisa um acervo próprio de entrevistas que deverá ser analisado; outra é a prática memorialista que parece ter sido revigorada na atualidade. A memória, mais que a história, parece estar exercendo um fascínio e ocupando um espaço político importante. Cabe interrogar e refletir sobre o papel legitimador que novamente a história está sendo chamada a cumprir, agora em relação à composição dos acervos de memória.

A essa expansão alia-se outra questão que se refere à utilização das novas tecnologias, que podem potencializar e aperfeiçoar a história oral. A aceleração das transformações no campo das comunicações é algo quase brutal e efetivamente está repercutindo e abrindo possibilidades, em termos de pesquisa e sua divulgação, antes não pensadas. As entrevistas filmadas, o trabalho com as fotografias, como parte da dinâmica da entrevista, bem como a criação de novos formatos para os documentários, são experiências que o campo da história oral tem assumido. O debate ainda é incipiente, mas algumas experiências têm surgido.

A penetração das imagens em nossa cultura assume cada vez mais um papel e um lugar desestabilizador, na medida em que toda nossa formação e prática educativa têm suas raízes na valorização da escrita e da leitura. Essa é uma dimensão das mudanças em curso das quais nem sempre nos damos conta e sobre as quais

não temos muita clareza. A palavra, a oralidade, a expressão da subjetividade, tão fundamentais para a história oral, têm nas novas tecnologias um suporte inovador e desafiante.

Creio que estamos realmente avançando, aproveitando e experimentando muitas das possibilidades abertas pelo uso das fontes orais. Sem dúvida, a maior dessas possibilidades refere-se ao fato de que podemos estudar e interpretar a história de modo mais complexo na medida em que incorporamos esse tipo de fonte no processo de investigação. De modo privilegiado, as fontes orais oferecem um conjunto de evidências subjetivas sobre os processos históricos e, dessa forma, abrem a possibilidade de uma melhor compreensão a respeito das relações entre ação, consciência e constrangimentos sociais. Podemos trabalhar no âmbito mais profundo das percepções dos protagonistas e das representações por eles construídas. Avanços na reflexão teórica, em especial em relação à subjetividade, memória e narrativa pessoal, acompanham a prática da história oral, que se desenvolve cada vez mais assumindo seu caráter interdisciplinar. Contudo, o uso sistemático de fontes orais na pesquisa histórica ainda é relativamente recente, não é um método acabado e nem possui fórmulas prontas, sendo ainda objeto de avaliação e discussão muitos aspectos dessa metodologia.

Sem adentrar nessas discussões, indico, ainda que de forma breve, alguns procedimentos e regras básicas para os historiadores. Para os que buscam na história oral uma metodologia, um conjunto de procedimentos que possa gerar conhecimentos, o ponto de partida é o projeto com a indicação, o mais clara possível, de uma problemática de pesquisa. A investigação sempre parte de questionamentos. Contudo, formular um problema de pesquisa é bastante complexo em nossa área, pois a formulação das questões precisa estar adequada ao corpus documental que se pretende investigar e trabalhar. Por isso, normalmente, as questões vão sendo revistas e melhor formuladas, concomitantemente com o processo de investigação nas fontes e na bibliografia apropriada. O objeto de estudo não aparece como algo pronto, a ser examinado, observado e analisado para sabermos

as partes que o constituíram ou as causas de sua presença. O objeto de estudo é construído pelo historiador, ele delimita o seu recorte, as suas pertinências e exclusões. Além de selecionar as fontes, seleciona igualmente os conceitos e teorias que pode usar para pensar o seu objeto de estudo em termos históricos. Quando a proposta envolve história oral, cujas fontes são constituídas durante a pesquisa, é indispensável a necessidade de discussão e de explicitação gradual das possibilidades da pesquisa. Em parte, porque as decisões de como trabalhar com os depoimentos dependem muito do que se consegue obter nas entrevistas. Tanto os procedimentos de crítica, como os de valorização da fonte oral são definidos no processo da investigação e alguns somente aparecem totalmente explicitados no ordenamento dos resultados da pesquisa.

O pesquisador pode usar fontes orais e não necessariamente fazer uma pesquisa de história oral. Para a utilização da história oral, devemos estar atentos também para a adequação entre o tema e as questões orientadoras da pesquisa, em função do tipo de fonte que será empregada. Trata-se de um testemunho subjetivo, falado, expressa as impressões, avaliações, sonhos e opiniões do depoente. As questões devem, de alguma forma, levar em consideração e expressar a preocupação com as versões dos entrevistados sobre os acontecimentos e temas investigados.

A pesquisa com história oral caracteriza-se justamente pela construção das fontes, por isso, as entrevistas formam o núcleo da investigação, o que torna muito importantes a seleção dos entrevistados e o momento da entrevista. Antes de estabelecer os critérios desta seleção e de organizar a entrevista, é recomendado que o pesquisador estude exhaustivamente o tema e busque o máximo de informações sobre o mesmo. Em caso de temas e questões inéditas, deve inclusive procurar informações em outras fontes. Isso porque essa base de informações e conhecimento, além de auxiliar na entrevista, é um dos elementos que vai permitir o reconhecimento de anacronismos, confusões e incongruências nos depoimentos.

São indispensáveis algumas habilidades para realização de entrevistas no âmbito da pesquisa histórica. Em história oral, dificilmente trabalhamos com um quadro de perguntas fixas, isso porque o interesse é estimular o processo de rememoração, o qual tem um fluxo próprio que inclui cadeias de associações reveladoras da lógica interna do depoimento. Recomenda-se não propriamente uma entrevista, mas uma conversa livre em que a pessoa é convidada a falar de um assunto de interesse comum. Um guia ou um roteiro deve servir para indicar os temas que deverão ser abordados durante a entrevista, mas não significa que o pesquisador vá interferir a cada passo lembrando esses aspectos. Trata-se de um trabalho de organização da experiência vivida que é reconstruída pelo entrevistado, e a qual o pesquisador espera poder compreender. Escutar e compreender o outro é fundamental e, nesse sentido, é preciso perceber as particularidades da comunicação:

(...) a entrevista é uma relação que se insere em práticas culturais particulares e que é informada por relações e sistemas de comunicação específicos. Em outras palavras, não existe uma única 'maneira certa' de entrevistar, e a maneira que o 'bom senso' indica como certa para entrevistas com membros da elite política branca do sexo masculino pode ser completamente inadequada em outros contextos culturais. (THOMSON, 2000, p. 48)

As colocações de Alistair Thomson sobre a entrevista revelam a complexidade que envolve essa interação, dificilmente delimitada por regras rígidas. Na opinião desse autor, "a regra mais fundamental é ter sensibilidade para com os modos habituais de fala e comunicação e permitir que as pessoas falem segundo seus próprios termos". (THOMSON, 2000, p.50)

Outro aspecto envolvido na entrevista é ressaltado por Magnus Berg (1996, p.7) que define a entrevista como "uma autopresentación creada por el habla en una situación extraordinaria e interpretada

por outra persona que no el informante”. Esse autor chama atenção para o fato de que a entrevista é uma situação extraordinária, que talvez não se repita na vida cotidiana do entrevistado, uma situação na qual tem a oportunidade de construir e transmitir uma imagem de si por meio da fala. O entrevistador promove essa oportunidade, mas, em contrapartida, oferecerá uma interpretação sobre a vida do entrevistado, assumindo, em função dessa prerrogativa, uma posição de autoridade. A situação da entrevista é distinta para os dois e a atitude do entrevistador é uma questão delicada, pois estará todo o tempo buscando outras relações existentes naquela narrativa, procurando comparar e avaliar o que ouviu. Nesse sentido, a entrevista será trabalhada pelo historiador, suas informações serão cotejadas com outras fontes e correlacionadas com as demais entrevistas que integram o corpus de documentos orais.

A conferência é outro aspecto importante e sobre o qual existe certa controvérsia. Para a formação de acervos, é indispensável que a entrevista transcrita seja conferida pelo entrevistado. O que pode ser dispensável quando se trata de pesquisador individual, cujos objetivos estão definidos e delimitados pelo projeto, a ser exposto ao entrevistado no momento de acertar a entrevista. Recomenda-se apenas que o pesquisador escute logo a entrevista, anotando dúvidas e solicitações de esclarecimentos, que serão examinadas no próximo encontro, ficando registradas as novas considerações do depoente.

Sugere-se a realização de transcrições, embora esse ponto seja bastante problemático em função das horas necessárias para essa parte do trabalho e das dificuldades implicadas no registro da linguagem oral em um documento escrito. Mesmo considerando todos os cuidados necessários à transcrição, em função da distância entre o oral e o escrito, a gravação é o documento original, sendo a transcrição considerada um acessório. No documento escrito, convém preservar as características da linguagem falada. A orientação, em muitos manuais, é de que devemos fazer uma transcrição o mais fiel possível, incluindo tudo que estiver na fita, as perguntas,

as hesitações, as repetições, as interrupções, os silêncios e outros aspectos importantes para a compreensão do clima da entrevista. A transcrição deve ser conferida e submetida a certos ajustamentos para facilitar a leitura. A esse respeito Shanon Page afirma:

Los mejores transcriptores de historia oral procuran convertir la palabra hablada en un texto escrito que sea fiel al momento concreto del dialogo y a la intención del entrevistado y al mismo tiempo resulte fluido y legible para el investigador. La transcripción de calidad es un arte, no un proceso mecánico. Y el arte varía según el individuo y de acuerdo con unas formas que pueden ser profundamente significativas para un proyecto de historia oral (PAGE, 2002,p.155).

A utilização das fontes orais deve ser cuidadosamente planejada. A tendência é o cruzamento das fontes, que deverão estar integradas a partir de um referencial teórico, construído com a historiografia ou apropriado de áreas afins. As formas da exposição dos resultados da pesquisa são bem variadas. A lógica da exposição não precisa estar orientada pela história de vida, pode ser organizada em função do tema pesquisado, especialmente, em análises com amplo cruzamento de fontes, estando as fontes orais entre elas. Contudo, é preciso ter presente que o material das entrevistas deve ser interpretado e utilizado com plena consciência do contexto em que foi coletado.

Quanto à avaliação da fonte oral, alguns procedimentos são recomendados: em primeiro lugar, cada entrevista deve ser examinada em termos de sua coerência interna, deve ser lida como um todo; em segundo, a respeito de muitas informações, pode-se fazer uma conferência com outras fontes documentais, e ainda correlacionar os diversos depoimentos, cotejando as informações entre eles; terceiro, recomenda-se situar a evidência oral dentro de um contexto mais amplo, por isso, é fundamental que o pesquisador tenha conhecimento da época que está estudando a ponto de identificar os problemas, desvios e distorções.

Muitos historiadores têm alertado que as fontes orais não são sempre confiáveis para a reconstrução dos fatos, mas isso não é motivo para descartá-las, ao contrário, devem ser trabalhadas, pois podem nos ajudar a ir mais longe, desvendando os significados que possam a ser atribuídos a certos fatos.⁴ Cada vez mais, percebemos que as distorções dos depoimentos que inicialmente alimentavam a crítica a esse tipo de fonte passaram a ser encaradas de um modo novo, como aspectos que podem ser examinados, constituindo-se em fonte adicional de significados para os pesquisadores. Isso, de certa forma, remete-nos para outro aspecto implicado sempre nos trabalhos de história oral, ou seja, levar em consideração que lidamos com a memória e o processo de rememoração. Trata-se, de outra forma, de acessar e atualizar o passado com a qual os historiadores estão aprendendo a trabalhar.

III

Oral History: some basic questions

Abstract: The article presents a reflection about the possibilities and difficulties involved in working with the oral sources and it emphasizes the basic procedures in the construction of the research.

Keywords: Oral history. Research method. Researches historical

Notas

¹ Esse artigo resultou da exposição e discussão realizada na mesa O historiador e as fontes orais, no IX Encontro Estadual de História da ANPUH RS – Vestígios do passado: a história e suas fontes, que ocorreu em 15 de julho de 2008.

² Tratam desta questão trabalhos recentes de Paul Ricoeur (2003) e de Beatriz Sarlo (2005), problematizando justamente o papel da pesquisa histórica diante dos chamados “excessos da memória”.

³ O Ministério Público do RS desenvolve um projeto desde 2000 que conta com um número expressivo de entrevistas já publicadas.

⁴ Questão tratada por Alessandro Portelli (1989) e (1993).

Referências

- BERG, Magnus. Algunos aspectos de la entrevista como método de producción de conocimientos. *História y fuente oral*, v. 2, n. 4, p. 3- 9, 1996.
- JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral do Século XXI. In: ALBERTI, Verena et al. (Orgs.). *História Oral: desafios do século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz /CPDOC – FGV, 2000. p. 31 – 45.
- MEYER, Eugenia. Balanços e novos desafios. In: ALBERTI, Verena et al. (Orgs.). *História Oral: desafios do século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz /CPDOC – FGV, 2000. p. 113- 116.
- PAGE, Shannon. El participante invisible: el papel del transcriptor. *Historia, Antropología y Fuentes Orales*, v. 14, n. 28, p. 153-165, 2002.
- PORTELLI, Alessandro. Historia e memoria: la muerte de Luigi Trastulli. *¿Historia oral? Historia y fuente oral*, Barcelona, n.1, p. 5-34, 1989.
- _____. Sonhos ucrônicos. Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p.41-58, 1993.
- RICOEUR, Paul. La memoria, la historia, el olvido. Madrid: Editorial Trotta, 2003.
- SARLO, Beatriz. *Tiempo pasado. Cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.
- THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: ALBERTI, Verena et al. (Orgs.). *História Oral: desafios do século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz /CPDOC – FGV, 2000. p. 47 – 65.
- TREBITSCH, Michel. A função epistemológica e ideológica da História Oral no discurso da História Contemporânea. In: MORAES, Marieta. (Org.). *História Oral e Multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Ed. Diadorim, 1994. p. 19 - 43.

Recebido em 23/09/2008

Aprovado em 27/10/2008